

## LIÇÃO Nº 5 – DONS DE ELOCUÇÃO

Subsídio sendo elaborado por  
Inacio de Carvalho Neto,  
atualizado constantemente até 01/05/2021.  
E-mail do autor: [ibcneto@inaciocarvalho.com.br](mailto:ibcneto@inaciocarvalho.com.br).

### Texto Áureo:

**1Co. 14.2,3**

**2 Porque o que fala língua estranha não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios.**

**3 Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação.**

### Texto da Leitura Bíblica em classe:

**1Co. 12.7,10-12; 14.26-32**

**1Co. 12**

**7 Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil.**

- Deus é um Deus de propósito; Ele não faz nada sem propósito, sem motivação; e muito menos com propósitos ruins. Seus propósitos são sempre bons. Portanto, não é sem propósito que Deus dá os dons aos crentes, e muito menos com maus propósitos. A distribuição de dons na igreja é sempre com os melhores propósitos. Lembremos de Salomão, que disse que “há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (Ec. 3.1).

- Demonstrações do “poder de Deus” sem nenhum propósito divino não são verdadeiras derivações dos dons espirituais. A transformação de um dente em dente de ouro, por exemplo, ou a unção do “cai-cai”, ou o “cair no Espírito”, ou a “risada santa”, ou qualquer outra “neobobagem pentecostal” não demonstram qualquer propósito divino, servindo tão somente para o engrandecimento de uma ou outra pessoa, normalmente acompanhado de algum interesse financeiro. Se não há propósito divino (se não promove a unidade do povo de Deus ou seu crescimento espiritual), não é dom do Espírito.

- Ao constatar o mau uso dos dons espirituais na igreja de Corinto, Paulo fez questão de dar o ensino que deu sobre o assunto nos capítulos 12 a 14 de 1Co. Imaginem se Paulo vivesse hoje em nosso meio e visse tanta bobagem sendo chamada de dom espiritual por aí!

- Os dons espirituais devem ser úteis à obra de Deus (1Co. 12.7: “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil”). Portanto, o propósito dos dons espirituais é edificar e unir a igreja, fortalecendo-a. E mais adiante Paulo deixa o propósito de edificação da igreja: “Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja” (1Co. 14.12).

- Paulo ainda reforça em 1Co. 14.26: “Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. **Faça-se tudo para edificação**”. Os dons são presentes de Deus para nós, mas não para quem os recebe propriamente, e sim para a igreja como um todo.

- Não há manifestação genuína do Espírito Santo que não sirva para o bem da igreja, que não faça a igreja se aproximar ainda mais do Senhor Jesus, que não faça a igreja glorificá-IO, aprender dEle, lembrar daquilo que Ele nos ensinou, nos fazer trilhar pelo caminho da verdade.

- Lembremos que a primeira manifestação dos dons espirituais na igreja, que foi a cura do coxo na Porta Formosa do templo de Jerusalém (At. 3), trouxe como resultado a conversão de cerca de 2.000 almas (quase duplicou o número de membros – At. 2.41; 4.4), bem como o renovo espiritual de toda a igreja em Jerusalém, com o revestimento de poder daqueles que haviam crido após o dia de Pentecostes, que resultou num maior impulso à evangelização (At. 4.31).

- Quando resulta de um propósito divino, os dons espirituais surgem sempre sob a perspectiva do serviço. Como os dons são dados pelo Senhor aos Seus servos, eles somente podem ser exercidos para fins de serviço.

- Falar de propósito de Deus é falar daquilo que Ele determinou fazer, aquilo que Ele escolheu fazer e revelar aos Seus servos. Neste propósito estabelecido por Ele encontra-se a diversidade de dons, ministérios e operações, como Paulo diz em 1Co. 12.4-6 (“Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos”), pois Ele quis formar um só corpo (Ef. 4.4), já que há um só Espírito, um só Senhor e um só Deus (Ef. 4.5-6), mas uma unidade que demonstra a Sua infinitude. Por isso, em meio a essa unidade, existe uma multiplicidade de membros (à semelhança do corpo humano, que é um, mas com multiplicidade de membros e órgãos).

- Essa diversidade já começa na própria existência de atividades distintas: dons, ministérios e operações. Os dons, a cargo do Espírito Santo (1Co. 12.4); os ministérios, a cargo do Senhor Jesus (1Co. 12.5); e as operações, a cargo do Pai (1Co. 12.6). Deus é um Deus Trino, portanto, é um só Deus, mas em três Pessoas, reedita na igreja essa unidade com diversidade: é um só corpo, com várias funções.

### **10 e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas.**

- Em 1Co 12.8-10, o apóstolo Paulo apresenta uma diversidade de dons que o Espírito Santo concede aos crentes. Nesta passagem, ele não descreve as características desses dons, mas noutros trechos das Escrituras temos ensino sobre os mesmos.

- Os seis primeiros tipos de dons, dos 9 que compõem a lista de Paulo, já foram estudados em lições anteriores. Vamos aqui mencionar apenas os que constam neste versículo, com ênfase aos três últimos da lista, que são objeto desta lição.

- O **dom de operação de maravilhas** é o poder sobrenatural de intervir no curso normal da natureza e contrariar as leis naturais, se necessário (1Co. 12.10,27-31; Hb. 2.3-4; Sl. 107; Ex. 7.10-14.21; 2Rs. 4.1-44; 6.1-7; Mt. 17.20; Mc. 9.23; 11.22-24; Jo. 14.12).

- Trata-se de atos sobrenaturais de poder, que intervêm nas leis da natureza. Incluem atos divinos em que se manifesta o reino de Deus contra Satanás e os espíritos malignos (ver Jo. 6.2).

- A **profecia** é a expressão sobrenatural na língua nativa (1Co. 14.3). É um milagre da expressão divina, não concebido pelo pensamento ou raciocínio humano (At. 3.21; 11.28; 21.11; 2Pe. 1.21; 1Co. 14.23-32). Inclui falar com os homens para edificação, exortação e consolo (1Co. 14.3).

- A profecia não é apenas uma previsão sobre o futuro; também pode significar a proclamação da Palavra de Deus com poder. Paulo discutiu o falar em línguas e sua interpretação com mais detalhes no cap. 14. Não importa quais dons uma pessoa tenha, todos são dados pelo Espírito Santo. Somos responsáveis por usar e aprimorar nossos dons, mas não podemos receber nenhum mérito por aquilo que Deus nos deu gratuitamente.

- É preciso distinguir a profecia aqui mencionada, como manifestação momentânea do Espírito, da profecia como dom ministerial na igreja, mencionado em Ef 4.11. Como dom de ministério, a profecia é concedida a apenas alguns crentes, os quais servem na igreja como ministros profetas. Como manifestação do Espírito, a profecia está potencialmente disponível a todo cristão cheio dEle (At. 2.16-18).

- Quanto à profecia, como manifestação do Espírito, observe o seguinte: (a) Trata-se de um dom que capacita o crente a transmitir uma palavra ou revelação diretamente de Deus, sob o impulso do Espírito Santo (1Co. 14.24,25, 29-31). Aqui, não se trata da entrega de sermão previamente preparado. (b) Tanto no Antigo Testamento, como no Novo Testamento, profetizar não é primariamente predizer o futuro, mas proclamar a vontade de Deus e exortar e levar o seu povo à retidão, à fidelidade e à paciência (1Co. 14.3). (c) A mensagem profética pode desmascarar a condição do coração de uma pessoa (1Co. 14.25), ou prover edificação, exortação, consolo, advertência e julgamento (1Co. 14.3, 25,26, 31). (d) A igreja não deve ter como infalível toda profecia deste tipo, porque muitos falsos profetas estarão na igreja (1Jo. 4.1). Daí, toda profecia deve ser julgada quanto à sua autenticidade e conteúdo (1Co. 14.29, 32; 1Ts. 5.20,21). Ela deverá enquadrar-se na Palavra de Deus (1Jo. 4.1), contribuir para a santidade de vida dos ouvintes e ser transmitida por alguém que de fato vive submisso e obediente a Cristo (1Co. 12.3). (e) O dom de profecia manifesta-se segundo a vontade de Deus e não a do homem. Não há no Novo Testamento um só texto mostrando que a igreja de então buscava revelação ou orientação por meio dos profetas. A mensagem profética ocorria na igreja somente quando Deus tomava o profeta para isso (1Co. 12.11).

- O **dom de discernimento dos espíritos** é a revelação sobrenatural, ou percepção da esfera dos espíritos, para detectar os espíritos e seus planos e para ler a mente dos homens (Mt. 9.4; Lc. 13.16; Jo. 2.25; At. 13.9-10; 16.16; 1Tm. 4.1-4; 1Jo. 4.16).

- Discernir é distinguir, estabelecer diferença. Este dom serve para que não sejamos enganados por espíritos malignos ou carnisais. É um dos dons de maior valia para a igreja de nossos dias, em razão da distorção do cristianismo nos últimos dias (1Tm. 4.1). João advertiu para que não crêssemos em qualquer espírito (1Jo. 4.1-3). Exemplos de aplicação deste dom: Paulo, no episódio da jovem de Filipos (At. 16.18); Paulo, quanto a Elimas (At. 13.11). Não se trata de um dom de julgar ou fazer mau juízo de outras pessoas, nem de ler pensamentos; é discernir os espíritos. Também não é um dom para identificação dos demônios; não nos interessa a identidade dos demônios; temos que simplesmente expulsá-los em nome de Jesus.

- Trata-se de uma dotação especial dada pelo Espírito, para o portador do dom discernir e julgar corretamente as profecias e distinguir se uma mensagem provém do Espírito Santo ou não (ver 1Co. 14.29; 1Jo. 4.1). No fim dos tempos, quando os falsos mestres (ver Mt. 24.5) e a distorção do

cristianismo bíblico aumentarão muito (ver 1Tm. 4.1), esse dom espiritual será extremamente importante para a igreja.

- O **dom de variedade de línguas** é a expressão em outras línguas que não são conhecidas por quem as fala (Is. 28.11; Mc. 16.17; At. 2.4; 10.44-48; 19.1-7; 1Co. 12.10,28-31; 13.1-3; 14.2,22,26-32).

- No tocante às “línguas” (do grego *glossa*, que significa língua) como manifestação sobrenatural do Espírito, notemos os seguintes fatos: (a) Essas línguas podem ser humanas e vivas (At. 2.4-6), ou uma língua desconhecida na terra. A língua falada através deste dom não é aprendida, e quase sempre não é entendida, tanto por quem fala (1Co. 14.14), como pelos ouvintes (1Co. 14.16). (b) O falar noutras línguas como dom abrange o espírito do homem e o Espírito de Deus, que entrando em mútua comunhão, faculta ao crente a comunicação direta com Deus (na oração, no louvor, no bendizer e na ação de graças), expressando-se através do espírito mais do que da mente (1Co. 14.2, 14) e orando por si mesmo ou pelo próximo sob a influência direta do Espírito Santo, à parte da atividade da mente (cf. 1Co. 14.2, 15, 28; Jd 20). (c) Línguas estranhas faladas no culto devem ser seguidas de sua interpretação, também pelo Espírito, para que a congregação conheça o conteúdo e o significado da mensagem (1Co. 14.3, 27,28). Ela pode conter revelação, advertência, profecia ou ensino para a igreja (cf. 1Co. 14.6). (d) Deve haver ordem quanto ao falar em línguas em voz alta durante o culto. Quem fala em línguas pelo Espírito nunca fica em “êxtase” ou “fora de controle” (1Co. 14.27,28).

- A **interpretação de línguas** é a habilidade sobrenatural de interpretar na língua nativa o que foi falado em outras línguas não conhecidas por aquele que as interpreta pelo Espírito (1Co. 14.5,13-15,27-28).

- Trata-se da capacidade concedida pelo Espírito Santo, para o portador deste dom compreender e transmitir o significado de uma mensagem dada em línguas. Tal mensagem interpretada para a igreja reunida pode conter ensino sobre a adoração e a oração, ou pode ser uma profecia. Toda a congregação pode assim desfrutar dessa revelação vinda do Espírito Santo. A interpretação de uma mensagem em línguas pode ser um meio de edificação da congregação inteira, pois toda ela recebe a mensagem (1Co. 14.6, 13, 26). A interpretação pode vir através de quem deu a mensagem em línguas, ou de outra pessoa. Quem fala em línguas deve orar para que possa interpretá-las (1Co. 14.13).

- O autor dos livros mórmons Ômni (1.25) e Alma (9.21) insta com o povo e o rei para que acreditem no dom de línguas e no dom de interpretação de línguas. Ocorre que esses livros foram elaborados, respectivamente, em 323-130 a.C. e 83 a.C. Como poderiam existir tais dons nessa época, se a Bíblia diz que o Espírito Santo e esses dois dons foram concedidos somente no dia de Pentecostes, em 33 d.C.? É importante esclarecer ainda que esses dois dons são exclusivos da época neotestamentária. Todos os demais dons do Espírito se encontram de maneira esporádica no Antigo Testamento, menos esses dois, o que torna impossível, bíblicamente falando, a afirmação dos livros mórmons.

## **11 Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.**

- A palavra “opera” vem do verbo grego *energeo*, que significa operar, trabalhar, produzir, efetuar. É a causa eficaz única, o Espírito de Deus, quem “efetua” todos os dons espirituais. Nada vem do homem, e o homem não serve de causa secundária. Essa é a mesma palavra usada acerca de Deus

Pai, no v. 6 deste capítulo; e a mensagem geral é a mesma que aquela bem enfatizada no caso dos três nomes divinos, nos vv. 4 a 6 deste capítulo.

- Há diversidade na operação dos dons espirituais; mas nem mesmo essa diversidade serve de sinal de desunião, visto ser tudo provocado pela mesma e única Causa. Na grande Causa todos esses dons são unidos como se fossem um só, um único efeito; portanto, a unidade essencial e preservada. O exercício dos dons espirituais, pois, não pode servir de base para divisões na igreja, na forma de adoração a “heróis”, na forma de criação de facções etc., porquanto somente o Senhor Jesus deve ser glorificado, não podendo tal glorificação ser atribuída a ninguém mais, a despeito da magnitude dos dons espirituais que alguém usa. Por semelhante modo, um dom espiritual não pode ser exaltado em detrimento de outro, visto que todos cooperam juntamente para a glória do mesmo Senhor, bem como visam o benefício da comunidade inteira.

- Outrossim, nenhum indivíduo é a causa de seus próprios dons espirituais. Todos eles lhe foram dados; por conseguinte, não há motivo algum de jactância. Com isso se pode comparar o trecho de 1Co. 4.7, que diz: “Porque quem te diferencia? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias como se não o houveras recebido?”. E esse tipo de glorificação humana, tanto do próprio eu como de outras personalidades, paralelamente à degradação de outros crentes não tão favorecidos, que Paulo procurava corrigir; visto que a possessão e o uso dos dons eram a principal razão da altivez de espírito que se tornara tão evidente em Corinto.

- A palavra “coisas” (no grego, *panta*) ocupa posição enfática. O Espírito Santo é quem faz “todas as coisas”. Por conseguinte, toda a glória seja atribuída ao Espírito Santo, e ao Senhor, a quem ele representa.

- Essa fonte originária é o Espírito de Deus. Assim sendo, não há qualquer contradição entre os versículos 6 e 10. O que Deus opera, o Espírito igualmente opera. E nem há qualquer contradição entre os versículos 10 e 31. Nosso anelo intenso pelos melhores dons e uma das coisas que nos capacita a recebê-los, e cada indivíduo recebe-os de conformidade com a intensidade do seu desejo que pode ser cultivado. O Espírito Santo é quem conhece a capacidade de cada crente (ver 1Co. 3.8; 4.7 e 15.23).

- Novamente, em notável contraste com a grande variedade de dons espirituais, é reiterada aqui a fonte comum de todos eles, e de forma enfática. Os crentes de Corinto davam valores diversos a esses dons, segundo a variedade de operação dos mesmos. O apóstolo calcula que o seu valor comum procedia do único Espírito, distribuído segundo a sua vontade. Aqueles que valorizavam os homens para mais ou para menos, segundo esses diversos dons, na realidade, inconscientemente criticavam do doador dos mesmos.

- Glorificar-se alguém em um dom espiritual, com a finalidade de degradar a outros que possuíam dons supostamente inferiores, é realmente criticar e pôr em dúvida a sabedoria do doador de todos os dons espirituais, porquanto todos esses dons foram ordenados e realizados por vontade do Espírito de Deus.

- Essa atitude do Espírito de repartir os dons é enfatizada pelo escritor aos hebreus: “testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade” (Hb. 2.4).

- A expressão “particularmente” pode também ser entendida como “individualmente”. Ou seja, o Espírito reparte os dons individualmente na igreja, dando a cada membro um ou mais dons, que podem não ser dados a outros membros, para que o membro que o recebeu use-o em benefício da coletividade.

- Na execução de sua vontade, o Espírito Santo trata de cada crente individual e apropriadamente. Isso reflete o teísmo, típico do ensino neotestamentário sobre Deus, em contraste com a ideia errônea do deísmo. O deísmo ensina que existe um poder supremo, mas que não mantém interesse algum pela sua criação e nem tem contatos com a mesma, não punindo e nem recompensando as criaturas morais. Em contraste com essa ideia, o teísmo ensina que Deus continua interessado por sua criação, guiando, recompensando ou punindo. Sim, o Espírito Santo determina e age, não arbitrariamente, mas de conformidade com o que cada qual é capaz, deseja e merece, para ser feito no seio da igreja.

- Este versículo, que vincula o Espírito Santo a Deus (ver também o v. 6), defende indiretamente a divindade do Espírito. E a ênfase que recai sobre a sua vontade também demonstra a sua personalidade. O Espírito Santo não é apenas uma mera influência.

## **12 Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também.**

- Ao desejar ilustrar o princípio da unidade na diversidade, com o qual vinha se ocupando nesta discussão acerca dos dons espirituais, Paulo se volta agora para a figura ilustrativa do corpo humano. Um corpo humano possui muitos membros, e cada um desses membros tem a sua respectiva função. Todas essas funções visam fazer o corpo funcionar harmoniosamente, e tudo contribui em parte para o bem-estar do corpo. Paulo não diz, como se fora uma aplicação: “Assim também sucede à igreja”; mas disse algo equivalente, embora expresso de maneira diferente: “Assim é Cristo também”. Logo em seguida somos informados que a igreja “é” o corpo místico de Cristo.

- Em Rm. 12.4,5 temos visto essa mesma forma simbólica, e igualmente em conexão com a questão dos dons espirituais. Em Cl. 1.18 e 2.19 encontramos a adição da ideia que Cristo é o “cabeça” e que a igreja é o “corpo”. Isso preserva o caráter único e essencial da dignidade de Cristo. Porquanto os membros do seu corpo místico estão destinados a participar da “mesma natureza” do Cabeça (ver Rm. 8.29).

- Dentro da participação da mesma natureza e da comunhão mística que há entre o cabeça e os membros (ver Gl. 2.20, que diz: “...já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim...”), Paulo não cria qualquer panteísmo, e nem faz ele de Cristo um demônio que se apossa das pessoas. Por semelhante modo, não devemos esperar o paralelismo ao seu ensinamento no *aeon* dos gnósticos, que seria um ser superior que se “incorpora” nos outros e os redime em si mesmo. Permanece de pé a distinção de personalidade e de ser, embora a unidade de natureza, tal como todos os membros do corpo compõem um corpo humano, embora cada qual seja distinto em suas respectivas operações. Naturalmente, essa ilustração envolve certa fraqueza, visto que a inteligência permeia todas as porções do corpo místico de Cristo, não sendo possuída apenas pelo Cabeça. Contudo, sabemos que todas as células individuais do corpo possuem inteligência, e que muitas funções não dependem apenas do cérebro. Contudo, essas considerações científicas ultrapassam em muito aos propósitos ilustrativos da figura simbólica usada por Paulo, ainda que tais fatos científicos pudessem ter sido conhecidos por ele. Todos os dons espirituais operam dentro do corpo de Cristo, e visam edificar o mesmo. Por conseguinte, há certa “identidade funcional” do Espírito e do Cristo ressurreto (ver também o trecho de 1Co. 3.17,18).

- Nem todos os homens são iguais, incluindo aqueles que fazem parte do corpo de Cristo; e nem todos os seus membros têm igual importância. Mas todos os dons espirituais operantes são importantes, e todos os membros do corpo são necessários. Além disso, há certa interdependência entre todos os membros, e a saúde e o bem-estar do corpo dependem da saúde e da função

apropriada de todos os seus membros. Por essa razão é que deve haver unidade em um serviço amoroso, e não a exaltação de um dos membros em detrimento dos demais.

- A frase final do versículo (“assim é Cristo também”) significa que Cristo é o cabeça de um corpo espiritual, tal como o corpo físico tem uma cabeça que governa os seus membros. Tal como os membros do corpo físico necessariamente participam da mesma natureza e união de que a cabeça participa, assim também sucede a Cristo e seu corpo. Existe participação na mesma natureza, e não meramente diversidade de funções dentro das dimensões espirituais (ver 2Co. 3.18 quanto a esse conceito, como também Cl. 2.10).

- Segundo o apóstolo via as coisas, Cristo é o arquétipo de uma nova e glorificada humanidade, conforme a mesma se desenvolve na igreja. Portanto, o desenvolvimento da igreja cristã não é menos do que o progressivo desenvolvimento da imagem de Cristo.

- Findlay disse que “a diferenciação é a essência da vida corporal”. E essas palavras podem ser aplicadas igualmente ao corpo de Cristo. Não obstante, a origem de toda a vida é Cristo, que recebeu, da parte de Deus Pai, a vida necessária e independente, na qualidade de cabeça federal da raça, a fim de que, por sua vez, Cristo pudesse conferi-la a todos quantos nele confiam. (quanto a esses conceitos, ver os trechos de Jo. 5.25,26 e 6.57).

## **1Co. 14**

**26 Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação.**

- O propósito principal de todos os dons espirituais é edificar a igreja e o indivíduo (1Co. 14. 3,4,12,17,26). “Edificar”, do grego *oikodomeo*, significa fortalecer e promover a vida espiritual, a maturidade e o caráter santo dos crentes. Essa edificação é uma obra do Espírito Santo através dos dons espirituais, pelos quais os crentes são espiritualmente transformados mais e mais para que não se conformem com este mundo (Rm. 12.2-8), mas edificados na santificação, no amor a Deus, no bem-estar do próximo, na pureza de coração, numa boa consciência e numa fé sincera (ver 1Co. 13; Rm. 8.13; 14.1-4,26; Gl. 5.16-26; Ef. 2.19-22; 4.11-16; Cl. 3.16; 1Ts. 5.11; Jd. 20; 1Tm. 1.5).

**27 E, se alguém falar língua estranha, faça-se isso por dois ou, quando muito, três, e por sua vez, e haja intérprete.**

- No uso dos dons espirituais, deve haver ordem e equilíbrio. As diretrizes bíblicas para falar em línguas em voz alta na igreja são: (1) Numa só reunião não deve haver mais do que dois ou três que falem, orem, ou louvem em línguas, e isto somente com interpretação. (2) Falar em línguas deve ser feito por uma pessoa de cada vez. (3) Toda enunciação em línguas deve ser julgada pela igreja, quanto à sua autenticidade. (4) Não havendo ninguém presente com o dom de interpretar, o crente pode, em silêncio, falar em línguas em oração pessoal dirigida a Deus.

**28 Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja e fale consigo mesmo e com Deus.**

- A menos que esteja presente um intérprete, as línguas não devem ser usadas na igreja. Isso não impediria o largo uso desse dom, em casa; pois, nesse caso, a alma do crente pode ser edificada, e

Deus pode ser glorificado, mesmo que a mente nada aproveite em seu entendimento. Mas, visto que a edificação é a razão mesma pela qual os dons espirituais existem na igreja, as línguas devem ser limitadas a fim de atender a essa exigência; e só poderão fazê-lo quando acompanhadas de interpretação.

- Não há que duvidar que essa era a instrução mais difícil de ser obedecida que Paulo apresentou aos coríntios; certamente foi difícil eles abafarem suas atitudes de vanglória no uso desse dom, a fim de obedecerem às injunções apostólicas, em qualquer aspecto dessas instruções.

- No original grego, a gramática é um pouco obscura aqui, parecendo dar a entender que o intérprete deve manter-se calado; mas devemos compreender aqui a existência de um sujeito oculto, na frase. Assim sendo, o que se entende da frase grega é que, não havendo intérprete, “aquele que fala em línguas” deve permanecer calado.

- Na expressão “fale consigo mesmo”, no original grego, encontramos uma expressão enfática. O crente fala apenas para “si mesmo”, comungando com o Senhor em seu coração, como que em êxtase, sem a necessidade da presença de um intérprete. Mas essa “comunhão” não deve ocorrer nos cultos públicos, como se um indivíduo, arrebatado em êxtase, se separasse do resto da congregação para ter o seu culto particular. Antes, tal exercício deve ser feito somente em casa. Embora outra coisa possa ser compreendida, essa é a única forma de instrução que faz sentido. Os cultos públicos visam a edificação da congregação inteira, e com essa finalidade é que devem ser efetuados. Essa mesma forma de falar em línguas, em voz alta, para o próprio indivíduo, faz parte inerente do significado do próprio verbo, que significa “falar audivelmente”, ou, pelo menos, esse é o seu sentido quase exclusivo. No dizer de Findlay: “A instrução de falar no coração, sem ruído, seria contrária ao sentido do verbo *lalein* (falar), e, de fato, contrário à natureza de uma língua”.

## **29 E falem dois ou três profetas, e os outros julguem.**

- Toda profecia deve ser avaliada quanto ao seu conteúdo. Isso demonstra que a profecia nos tempos do Novo Testamento não era infalível, sendo passível de correção.

- Às vezes, a profecia e o falar em línguas não procediam de Deus (cf. 1Jo. 4.1). Até mesmo os espíritos malignos conseguem agir na congregação através de falsos mestres ou falsos profetas aí presentes. O profetizar, o falar em línguas estranhas ou a possessão de algum dom sobrenatural não é garantia de que alguém é um genuíno profeta ou crente, pois os dons espirituais podem ser falsificados por Satanás (Mt. 24.24; 2Ts. 2.9-12; Ap. 13.13,14).

- Se a igreja não julga com decência e ordem (v.40) as profecias, ela deixou de seguir as diretrizes bíblicas. Note, também, que a profecia não era algo como um impulso incontrolável do Espírito, pois apenas um profeta podia falar de cada vez (vv. 30-32).

- Qual deve ser a atitude da igreja para com as mensagens proféticas? (a) Todas as profecias devem ser testadas segundo o padrão da doutrina bíblica (cf. Dt. 13.1-3). Isso significa que os crentes devem ficar atentos ao seu cumprimento (cf. Dt. 18.22), e atentos também no caso dela não se cumprir. (b) Se a palavra profética é uma exortação, a congregação precisa perguntar: “O que devemos fazer para obedecermos à vontade do Espírito?”



### **30 Mas, se a outro, que estiver assentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro.**

- Dois profetas não podem falar ao mesmo tempo, da mesma maneira que duas pessoas que falam em línguas não podem fazê-lo ao mesmo tempo. Se alguma revelação urgente for conferida a um crente que esteja assentado, a urgência da mensagem dá a este segundo a precedência sobre aquele que já está com o uso da palavra; então o segundo pode falar, mas somente depois que o primeiro calar-se, tendo sido naturalmente avisado que algum outro acabara de receber uma revelação.

- É evidente que Paulo reputava tais casos como relativamente raros, embora aqui faça provisão para os mesmos. Essa própria provisão, naturalmente, mostra-nos como a profecia pode revestir-se de uma natureza extremamente espontânea, em que importantes verdades podem ser reveladas sem meditação anterior, ou mesmo sem expectativas de qualquer espécie.

- Parece-nos que Paulo cria que o Espírito de Deus procurasse expressar-se através de dois profetas ao mesmo tempo; e mesmo que porventura isso acontecesse, a mensagem de um deles seria mais urgente que a de outro; portanto, aquele que tivesse a mensagem menos urgente, ou a mensagem imediatamente menos inspirada, deveria ceder lugar ao que estivesse mais intensamente inspirado no momento. É interessante que nessas questões não ha nenhum moderador; somente o bom senso dos próprios profetas é que deve entrar em cena, a fim de suprir a moderação e a ordem necessárias.

- Tal como no caso do dom de línguas, o apóstolo dos gentios compreendia que a razão e a inteligência podem e devem governar o uso dos dons espirituais na igreja. Ele não simpatizava com a reivindicação, sem dúvida reclamada por alguns que eram arrebatados incontrolavelmente sob o poder divino, a ponto de não poderem controlar-se. Pelo contrario, Paulo indica que o espírito humano, mesmo sob a inspiração, está sujeito ao controle da vontade; e que o Espírito de Deus e o espírito humano se fundem de tal modo que a ordem será sempre preservada. Paulo se mostrou contrário à intoxicação mística, que vai além do bom senso, da ordem e dos propósitos morais.

- A subitaneidade da revelação parece demonstrar que se trata de uma verdade que se faz imediatamente necessária; assim sendo, deveria ser expressa sem demora. Até mesmo os profetas inspirados podem falar por tempo demais, precisando ser calados!

- Nas sinagogas judaicas, que serviram de modelo para muito que se fazia nas igrejas dos cristãos primitivos, a congregação se assentava a fim de orar, de ler e de receber ensino, ao passo que os oradores se punham de pé (ver Lc. 4.16 e At. 13.16, que subentende a mesma forma de ação).

### **31 Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros, para que todos aprendam e todos sejam consolados.**

- A distinção entre a profecia como dom espiritual e a profecia como parte das Sagradas Escrituras (2Pe. 1.20) deve ser conhecida com clareza, embora se trate, nos dois casos, de uma mensagem recebida de Deus.

- Os escritores da Bíblia recebiam suas mensagens mediante a inspiração direta e única da parte do Espírito Santo, e a comunicavam sem erro. O resultado foi uma mensagem infalível. A profecia do tipo descrito nos caps. 12 e 14 de 1Coríntios, porém, não tem inerente em si a mesma autoridade ou infalibilidade que a inspirada Palavra de Deus (2Tm. 3.16). Embora provenha do impulso do Espírito Santo, esse tipo de profecia nunca poderá ser considerado inerrante. Sua mensagem sempre estará sujeita à mistura e erros humanos. Por isso a profecia da igreja nunca poderá ser equiparada com as Sagradas Escrituras.

- Além disso, a profecia em nossos dias não poderá ser aceita pela igreja local até que seus membros julguem o seu conteúdo, para averiguar a sua autenticidade (ver v. 29; 12.10). A base fundamental desse julgamento é a Palavra de Deus escrita, isto é, a profecia está de conformidade com a doutrina apostólica? Toda experiência e mensagem na igreja devem passar pelo crivo da Palavra de Deus escrita.

### **32 E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas.**

- O que está aqui em foco é o espírito humano sob o controle do Espírito de Deus. O espírito humano, possuidor de dons espirituais, é igualmente incluído nessa menção da palavra “espíritos”. Entretanto, alguns eruditos têm pensado que essa palavra “espíritos” se refere aos próprios “dons espirituais”, tal como se vê no v. 12 deste capítulo. Essa interpretação é possível, mas é menos provável do que a interpretação dada aqui. Também não está em foco o “Espírito Santo” sobre cada crente, individualmente. Porquanto isso faria o Espírito de Deus estar sujeito a si mesmo, o que é uma ideia sem cabimento.

- Essa palavra “espíritos”, por igual modo, não significa as “emoções íntimas”, as “inspirações”, as “excitações”, conforme alguns eruditos têm imaginado, apesar dessa palavra, no original grego, ocasionalmente indicar exatamente isso.

- A sujeição aqui referida não quer dizer que os dons de cada profeta estivessem sujeitos a outros profetas. Cada qual deve exercer o seu dom, de conformidade com a sua própria habilidade. Porém, a **maneira de exercer** o dom é sujeitá-lo aos outros profetas.

- Precisamos considerar os seguintes pontos: 1. Um profeta deve exercer seu dom de acordo com a ordem geral da congregação. 2. Um profeta não deve agir egoisticamente, visando a ostentação. 3. Cada profeta deve falar, por permissão dos demais profetas, numa cessão tácita da oportunidade. 4. Cada profeta está sujeito ao juízo ou discernimento dos outros profetas.

- Existem alguns intérpretes que entendem essa declaração no sentido que cada profeta está sujeito a si mesmo, isto é, sob o seu controle racional, de tal modo que pode por em ordem a expressão de seu próprio dom, não se deixando arrastar por um êxtase místico que destrua seu controle racional. E essa opinião mui provavelmente concorda com a verdade dos fatos, sendo talvez a mensagem central do que Paulo aqui queria dizer. Ele já dissera a mesma coisa quando limitara o uso das línguas e da profecia a apenas dois ou três participantes. O dom espiritual de um homem não o controla; ele é quem controla o seu dom; nenhum êxtase místico pode destruir o controle exercido pela vontade e pela razão de um crente, se ele estiver usando corretamente seu dom espiritual.

- Paulo firma o princípio que, na verdadeira profecia, o autoconsciente e o controle próprio jamais se perdem. Deus não outorga qualquer dom espiritual incontrolável.

- Portanto, todo o crente poderá controlar-se o suficiente, por mais inspirado que seja, de modo a poder ceder a vez a outros, quando chegar sua vez de falar. Bons intérpretes têm interpretado dessa maneira essa asseveração de Paulo; contudo, existem outros que concordam com os pontos primeiro a quarto, mais acima alistados, no sentido que o espírito de cada profeta está sujeito ao espírito dos outros profetas, não podendo agir como entidade inteiramente independente. Isto é o que é ensinado nos vv. 27, 30 e 31.

- Aqueles que provocavam o caos e a confusão em suas reuniões, por quererem exhibir os seus dons espirituais, tão-somente demonstravam que o Espírito do Senhor não controlava os seus espíritos. No caso dos oráculos divinos, as profetisas não exerciam qualquer controle sobre si mesmas, e

continuavam a falar até se prostrarem de exaustão. Ora, Paulo não queria que as reuniões dos cristãos se assemelhassem aos oráculos pagãos. Deveria haver um controle capaz de impor a ordem em tudo.

## **Referências bibliográficas:**

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Dons de Elocução**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **Dons de Elocução**. Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- HORTON, Stanley. M. **A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **Dons de Elocução**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **Dons de Elocução**. Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **Dons de Elocução**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- RENOVATO, Elinaldo. **Lições Bíblicas: Dons Espirituais e Ministeriais – Dons de Elocução**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- RENOVATO, Elinaldo. **Dons Espirituais e Ministeriais – Dons de Elocução**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.